

ECOTURISMO NA REGIÃO DA LAPA GRANDE

Não é pretensão deste trabalho esgotar o assunto a respeito do Complexo Espeleológico da Lapa Grande, ao contrário, é uma modesta contribuição para a viabilidade turística do lugar. Com este texto, pretende-se apenas chamar a atenção para o potencial existente e para as possibilidades de implantação do Turismo Ecológico. É importante que fique claro, também, que, apesar de este trabalho conter algumas sugestões, a efetiva implantação de visitas nas cavernas do Complexo exigirá estudos mais aprofundados e específicos, como: plano de manejo, capacidade de carga, viabilidade financeira e demais estudos necessários ao planejamento turístico responsável.

O Complexo Espeleológico da Lapa Grande é um conjunto exuberante de grutas e abrigos situado no município de Montes Claros - MG, há muitos anos reconhecido como de grande atratividade. A maioria dessas grutas está localizada dentro dos limites da Fazenda Lapa

Grande. Algumas se destacam pelo valor histórico, como a própria Lapa Grande, local de exploração de salitre já nos primórdios da história de Montes Claros. Outras se destacam pelo valor científico: Lapa Pintada, importante sítio arqueológico, Lapa D'água, com seus espeleotemas raros, entre outras. Tudo isso se constitui alvo de interesse de visitantes e, portanto, são atrativos em potencial. Além disso, a infra-estrutura já existente na sede da fazenda pode ser aproveitada como equipamento turístico, necessitando de poucas adaptações.

Aspectos Históricos

A história de Montes Claros, assim como a de vários municípios do Norte de Minas, tem origem nas antigas bandeiras que penetraram o sertão, cultivando o sonho das esmeraldas. A primeira que por estas terras passou foi a de Espinosa-Navarro, que partiu de Porto Seguro em 13 de junho de 1553 e, atravessando a Serra do Espinhaço, vislumbrou o vale do Rio São Francisco, chamando-lhe

atenção a aspecto claro das montanhas que o circundavam. Brasil, em sua História e Desenvolvimento de Montes Claros, narra assim a façanha:

A certa altura de suas demandas, ora para um, ora para outro quadrante, e depois de galgar a Serra Geral, viu-se diante de um belo panorama, que não era, senão, a bacia do São Francisco. Os montes circundantes chamaram-lhe a atenção dado o aspecto claro que compunha a vegetação. Sentenciou, então, que seus próximos objetivos seriam aqueles ‘montes claros’.

Quase duzentos anos depois, novas bandeiras se formaram, desta vez partindo de São Paulo, com o objetivo de encontrar pedras preciosas. Fernão Dias, Matias Cardoso e Gonçalves Figueira estiveram na região atrás das tão cobiçadas esmeraldas. Embora nunca as tenham encontrado, muito importante se tornou a investida, pois dela se originou o povoamento da região, sendo Gonçalves Figueira considerado, oficialmente, o fundador de Montes Claros.

Segundo Tupinambá, em 12 de Abril de 1707, Figueira obteve por alvará da Coroa

uma sesmaria de uma légua de largo e três de cumprido, situada à margem esquerda do Rio Verde Grande, tendo ao sul os montes compostos de xistos calcáreos e ‘rocha branca’ que se avistavam à medida que ia descobrindo o horizonte, sempre claro de onde por todas as tradições lhe advém o nome da Fazenda (...).

Antônio Gonçalves Figueira fixou-se às margens do Rio Vieira, afluente do Verde Grande, dedicando-se à criação de bovinos, atividade apropriada às enormes pastagens naturais da região. À medida que se expandiu o rebanho, abriram-se estradas ligando a Fazenda dos Montes Claros à Bahia (Tranqueiras), Rio São Francisco, Rio das Velhas, Pitangui e Serro, transformando a Fazenda num importante centro de comércio de gado.

Tupinambá afirma que o povoamento da região muito se deveu aos exploradores de pe-

dras preciosas que, expulsos das minas auríferas e diamantinas do distrito de Itacambira, naquela época pertencente a Grão Mogol, espalharam-se pela Bacia do São Francisco, ganhando o vale do Rio Verde Grande. O autor lembra, ainda, com exagerada exaltação, o trabalho dos jesuítas na civilização dos índios como contribuição ao povoamento da região:

Apenas ainda os jesuítas, cujo trabalho na formação do Brasil, ‘a sua melhor obra’, nunca será suficientemente enaltecida; aliavam a missão evangelizadora à incumbência de observar a região (...).

Por aqui conhecemos as passagens remotas daqueles pioneiros até 1640, (...) e depois disto a continuação da obra da Igreja Católica pelos seus ministros, transformando os índios em fatores civilizados do povoamento do solo querido.

Por essa época, surgiram vários povoados na região, a destacar: Tabua, Formigas e Cruzeiro. Formigas foi o mais próspero, vindo a se constituir o embrião da cidade de Montes Claros. Em 1769, edificou-se ali, no lugar da capela dedicada a Nossa Senhora, construída ainda nos tempos de Figueira, a Capela de Nossa Senhora da Conceição e São José, em uma área de uma légua de largura por uma e meia de comprimento doada pelo então proprietário da Fazenda Montes Claros, Alferes José Lopes de Carvalho. Ao redor dessa capela foram construídas casas de fazendeiros religiosos, que desejavam rezar aos domingos.

O Povoado de Cruzeiro foi dizimado pela varíola em 1808, seus sobreviventes abrigaram-se em Formigas que passou a ser, então, ponto de tropeiros que antes preferiam Cruzeiro. A partir deste fato e da construção da Capela Nossa Senhora da Conceição e São José, Formigas experimentou um vertiginoso crescimento. Muitos autores apontam também a proximidade com a estrada que ligava Tejuco (Diamantina) à Bahia e a grande produção de salitre na região como causas para o rápido desenvolvimento da localidade. Em



Residência do caseiro e garagem



Escadaria ao fundo dos chalés



Aspecto do Córrego Lapa Grande



Fonte ao fundo dos chales



Chalé



Seqüência de cascatas do Córrego Lapa Grande - sede

1831, o povoado foi elevado à Vila por determinação do Imperador, desmembrando-se de Serro Frio (Serro) e recebendo o nome de Vila Montes Claros de Formigas.

Segundo Silveira e Colares, os costumes da Vila eram primitivos, usavam-se fogões a lenha, cisternas para o abastecimento de água e casa de adobe.

A população da Vila era pequena, pois de 1º de junho de 1839 a 30 de junho de 1840, isto é, durante um ano, foram abatidas 15 reses para consumo dos habitantes.

Havia, porém, em 1817, três sobrados - símbolos de riqueza e progresso: o dos Maurício, ainda de pé; o de Simeão, destruído em um incêndio, e o “Mirante”, demolido. Em 1833, foi inaugurada a primeira Agência de Correios e 1840, concluída a construção da cadeia, entre outros melhoramentos. Embora possuísse pouco mais de 2.000 habitantes em 1857, a Vila de Montes Claros de Formigas já contava com infra-estrutura comparável a vários municípios da Província. Assim, por esforço da população e por intermédio da Câmara Municipal junto aos Poderes Públicos Estaduais, a Vila foi elevada à categoria de cidade, em 03 de Julho de 1857, pela Lei nº 802, passando a chamar-se, simplesmente, Montes Claros.

De lá para cá, Montes Claros conheceu o progresso em todos os setores, industrializou-se, desenvolveu a cultura e as comunicações, modernizou os transportes e a infra-estrutura e, aos 148 anos de emancipação, tornou-se o mais importante pólo de desenvolvimento do Norte de Minas e a quinta maior cidade do Estado.

Aspectos Geográficos

O município de Montes Claros está situado na bacia do Alto Médio São Francisco, nos vales dos Rios Verde Grande, Pacuí e São Lamberto. Com uma área de 4.135 Km², limita-se ao norte com Mirabela, Patis e São João da Ponte; a leste, com Capitão Enéas,

Francisco Sá, Juramento e Glaucilândia; ao sul, com Bocaiúva e Engenheiro Navarro, e, ao Oeste, com Coração de Jesus, São João da Lagoa e Claro dos Porções. Posiciona-se a 16°43'41” de latitude sul, 43°51'54” de longitude oeste, distante 420 Km de Belo Horizonte e 720 Km de Brasília. A altitude máxima é de 1075 m, no Morro Vermelho, e a mínima de 502 m, na Foz do Ribeirão do Ouro. Caracteriza-se por uma topografia suave, com 30% de relevo plano, 60% ondulado e 10% montanhoso. A população de Montes Claros é de 306.258 habitantes, sendo que 288.534 residem na zona urbana, segundo dados do último Censo (2000).

De clima semi-árido, a temperatura média anual é de 24,20°C, sendo a máxima média anual de 29,4 °C e a mínima média anual de 16,3°C, com índice médio pluviométrico anual de 1.074 mm. Sua vegetação predominante é o Cerrado, com trechos de transição entre Cerrado e Caatinga, possuindo três parques na área urbana: Parque Municipal Milton Prates, Parque da Sapucaia e Parque Guimarães Rosa, todos em precário estado de conservação.

Montes Claros vem se firmando como cidade universitária, contando com sete instituições de ensino superior, que disponibilizam cerca de 30 cursos à população; além das 214 escolas de ensino fundamental e médio.

Na área da saúde, o município conta com 23 centros de saúde, sendo 15 na sede, três polí-clínicas, 19 laboratórios de análises clínicas, 27 laboratórios de prótese dentária, 18 equipes do programa de saúde da família, um hospital público com 128 leitos, cinco hospitais privados com 448 leitos e dois hospitais filantrópicos com 424 leitos.

A infra-estrutura de transporte dispõe de um aeroporto com uma pista de 2.100 metros e quatro vôos diários para Belo Horizonte, além



Fonte ao fundo dos chalés

de vôos para Salvador, Porto Seguro e Ilhéus; a ferrovia Centro-Atlântica, ligada aos portos de Vitória, Rio, Santos e Sepetiba, somente para cargas, e uma rodoviária por onde circulam 100 ônibus de 14 empresas ao dia. Montes Claros constitui-se em importante entroncamento rodoviário, com destaque para as rodovias BR-135, que liga Montes Claros à BR-040 (trevo de Curvelo) e a Januária-Montalvânia-São Luís do Maranhão; BR-365, ligando a cidade à Pirapora, BR-040 (trevo JK), Patos de Minas, Uberlândia e divisa de Goiás; BR-251, que liga o município à Salinas e BR-116 (Rio-Bahia); e BR-122, que liga a BR 251 à divisa da Bahia, todas asfaltadas.

Na economia, Montes Claros se destaca na agroindústria, pecuária e prestação de serviços, possuindo ainda algumas indústrias tradicionais de destaque, como a Vallée, Lafarge/Matsulfur, Elster, Coteminas/Cotenor, Novo Nordisk, Fuji, White Martins, entre outras.

Os principais produtos agrícolas são: a cana-de-açúcar, o milho, o feijão, mandioca, laranja e tomate.

Lapa Grande - Relevância Histórica

A Lapa Grande é a mais famosa gruta do Município, tanto que empresta seu nome ao Complexo Espeleológico e à Fazenda onde se localiza.

Já nos remotos tempos de formação da cidade de Montes Claros, quando esta ainda era um arraial e se chamava Formigas, a Lapa era conhecida e possuía este mesmo nome. No século XVIII, foi explorado, ali, o salitre, componente da pólvora. Este fato certamente contribuiu para a abertura de estradas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do Arraial de Formigas elevado à categoria de cidade em 03 de Julho de 1857, com o nome de Montes Claros.

Eschwenge, em “Contribuição para a Geognóstica do Brasil”, destaca a produção de salitre na região e na Lapa Grande:

Um dos principais ramos do comércio de Formigas é o Salitre, que se encontra em grande abundância nas cavernas calcáreas da vizinhança.

Além de Eschwenges, muitos são os autores que citam a Lapa Grande em suas obras. Entre eles estão: Hermes de Paula, Urbino Viana, Artur Jardim, Tobias Tupinambá, Álvaro da Silveira, Plínio Ribeiro, Rodolfo Jacob e Oliva Brasil.

Tem-se registro de visitação da Lapa Grande desde o início do século XIX. Segundo Viana (1916) e Tupinambá (1942), estiveram ali Sant-Hilarie, Spix, Martius, Príncipe Maximiliano Neuwide, Fernando (Czar da Bulgária) e outros.

Vários autores destacam a Lapa Grande como local de visitação. Ribeiro, em notas datadas de 1938, ao descrever a Lapa Grande, comenta o fato:

É passeio de predileção de todos os turistas ilustres que teem passado por esta cidade. Na abóbada e, especialmente nas paredes da gruta há milhares de inscrições de nomes de visitantes.

Interessante ressaltar que, já naquele tempo, Ribeiro utilizou-se do termo *turista* para se referir aos visitantes da Lapa. Em 1942, Tupinambá também utilizou este termo em seu relato:

Várias são as grutas existentes no município e notadamente já pela atenção e curiosidades despertadas a alguns turistas e observadores a Gruta da Lapa Grande.

Viana (1916) diz o seguinte da Lapa Grande e de seus visitantes:

É de todas a mais notável, sendo motivo de visita de quanto homem importante tem passado por esta cidade.

Existem gravadas nas pedras que formam quer as paredes, quer as abóbadas da gruta, os nomes de alguns visitantes ilustres que por aqui teem transi-

tado, e ali foram a estudo ou por curiosidade.

(...) Na atualidade, é um desporte comum ir à Lapa Grande a 'gravar o nome'.

Paula (1979), em sua famosa obra "Montes Claros – sua história, sua gente, seus costumes", ao se dedicar em descrever as grutas do município, classifica a Lapa Grande como a mais interessante de todas e comenta:

Antes dos automóveis, a Lapa Grande constituía um passeio forçado aos domingos, tendo sido visitada por todos viajantes ilustres que por aqui passaram desde os tempos de arraial.

Os nomes gravados à entrada da Lapa aos quais se referem os autores podem ser notados até hoje. Curiosamente, algumas destas inscrições seculares sofreram uma reação químico-física ao longo dos anos, cristalizando-se. O que seria hoje depredação, perpetuou-se, transformando-se em um incomum registro histórico.

Outros registros interessantes são os de achados paleontológicos na Lapa. Os célebres naturalistas Spix e Martius estiveram na Lapa em 1818 e encontraram, na ocasião, ossadas de animais pré-históricos.

Em História e Desenvolvimento de Montes Claros, Brasil publicou um relato do engenheiro Arthur Jardim, sobre uma excursão à Lapa Grande juntamente com alunos da Escola de Minas de Ouro Preto. Nesse relato, além de detalhes sobre a geologia, o engenheiro refere-se ao descobrimento de material fóssil em excursão com o Dr. Simeão Ribeiro, um dos montes-clarenses que mais se dedicou ao estudo da paleontologia na região.

Tupinambá ainda faz um importante registro sobre achados arqueológicos:

Por tradições e vestígios, se encontram nas Serras de Cedro, Bocaina e na impenetrável Lapa Grande (...) os pontos onde se nota que localizaram algumas tribos, das quais os minguados conhecimentos históricos não lhe dão nome.

Estas tribos, como parece, estiveram por ali loca-

lizadas em época anterior a 1694 (...). Até há poucos anos atrás foram encontradas flechas antigas e outros instrumentos, todos de pau, dentro das lapas de pedra.

Complexo Espeleológico da Lapa Grande – Descrição

O Complexo Espeleológico da Lapa Grande é um conjunto de pelo menos 58 grutas e abrigos, localizado a oeste da cidade de Montes Claros, compreendida pelas coordenadas 16°39'5" e 16°44'00" de latitude sul e 44°59'00" de longitude oeste, distante 12 Km do centro. O acesso é feito por estrada não pavimentada e de manutenção precária. Não há nenhum trecho em que automóveis de passeio não tenham condições de passar, porém muitos pontos estão erodidos exigindo atenção redobrada.

Altitude varia entre 650m e 1009m, em um relevo cárstico caracterizado por maciços calcários, dolinas, sumidouros e ressurgências, arcos, pontes, torres e outros. O curso d'água principal é o Córrego Lapa Grande, também chamado de Córrego dos Bois e Córrego Pai João, compondo, também, sua hidrografia o Córrego São Marcos, afluente do primeiro, e outros córregos temporários. A maioria das grutas está localizada dentro dos limites da Fazenda homônima ao complexo, com aproximadamente 6.000 hectares de área, de propriedade da família Araújo (espólio)/ Grupo Mercantil do Brasil, representada atualmente pelo Sr. Sílvio Lúcio de Araújo.

A Flora é marcada pela transição entre cerrado e caatinga. Segundo Chagas (1993), há na região os seguintes registros florísticos: Sucupira-preta (*Bowdichia virginiloides*), Sucupira-branca (*Pterodon pubescens*), Embaúba (*Cecropia S.p.*), Macaúba (*Acrocomia S.p.*), Barriguda (*Corisia speciosa*), Pereiro (*Aspichosperma pyriforme*), Bambu (*Bambusa S.p.*), Angico Branco (*Piptadenia*), Ipê-amarelo (*Tabebuia serratifolia*), além de cactáceas como o Mandacaru (*Cerus mandacaru*).

Uma parte da área em questão está coberta por gramíneas induzidas, constituindo pastagens, enquanto a mata nativa constitui cerca de 40%, cuja preservação torna-se vital para a flora e fauna. (CHAGAS,1993:106)

A grande concentração de cavernas deve-se ao fato de estar o complexo situado sobre um maciço de rocha calcária do tipo Bambuí, conhecidamente favorável ao surgimento de cavidades naturais.

As cavernas que se destacam como de potencial turístico são descritas a seguir:

Lapa Grande

Seu grande atrativo é o valor histórico, já descrito. Localiza-se há 300m (trezentos metros) da sede da fazenda por trilha leve – baixa inclinação, piso rígido e pouca distância. Possui aproximadamente dois quilômetros e meio de extensão. Seus principais espeleotemas – depósitos de minerais no interior da caverna – são as estalactites, estalagmites e represas de travertinos. Trata-se de uma caverna com pórtico bastante imponente que prossegue volumoso por alguns metros, estreitando-se

em seguida e ramificando-se em vários condutos. Possui trecho com rio subterrâneo (Córrego Lapa Grande), onde foram encontrados exemplares de Bagre-cego (*Pseudopimelodus zungaro*) por espeleólogos da Sociedade Excursionista Espeleológica (SEE), de Ouro Preto, Minas Gerais, em 1966, e também registrada por Hermes de Paula (1957) em *Montes Claros – sua história, sua gente, seus costumes*.

Nesse rio podem ver-se alguns bagres e em suas margens encontram-se alguns grilos inteiramente despigmentados.

Segundo os estudos realizados pela SEE – Sociedade Excursionista Espeleológica – primeiro grupo de espeleologia do País – a temperatura mínima no interior da caverna é de 20°C e a máxima de 25,2° C. A umidade relativa do ar varia entre 63,6% e 100% sendo o trecho mais úmido correspondente ao do rio. A temperatura da água é de 21,5°C.

Por seu indiscutível valor histórico; por dar nome ao complexo espeleológico, à fazenda, ao córrego e à região, e por estar tão próxima à sede da fazenda – podendo ser facilmente



Pinturas rupestres da Lapa Pintada

visualizada, a Lapa Grande jamais poderá ser excluída do roteiro padrão, caso um programa de visitação seja implantado. Porém, a visitação ao interior desta caverna não é recomendada. Seu relevo acidentado, presença de blocos abatidos, pouca ventilação, trecho de rio subterrâneo, o que expõe o visitante a risco de acidente e não colaboram com o deslocamento de grupos. Como a Lapa D'água, descrita mais adiante, cumprirá esta função, a visita a Lapa Grande deve se restringir à entrada, onde o guia poderá contar a história da própria gruta e seus visitantes ilustres e de como ela se tornou um personagem na história de Montes Claros. Trechos dos registros (livros, cartas, trabalhos acadêmicos) deixados pelos primeiros visitantes poderão ser citados, agregando, assim, valor cultural ao atrativo.

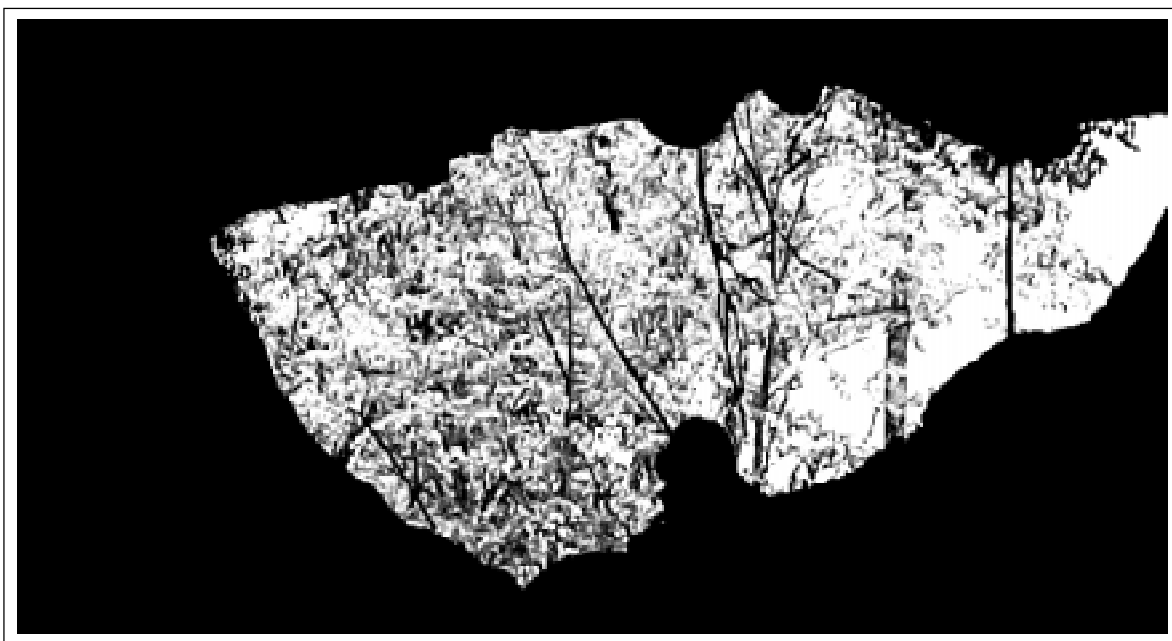
Lapa Pintada

Trata-se de um abrigo em forma de anfiteatro, bastante volumoso, possui 20 metros de largura, 40 metros de altura e 60 metros de comprimento. Ali se encontram pinturas rupestres de temática diversificada,

figuras zoomórficas de tradição Planalto e elementos geométricos que configuram a tradição São Francisco e uma gravura em baixo relevo (picoteada). Também há ocorrência de afiadores. O lugar se constitui como um importante ponto para visitação pelo seu valor arqueológico. A estrutura turística necessária se restringe a uma passarela suspensa com escadas de acesso para que o visitante possa ficar no nível das pinturas, facilitando a visualização. Pode-se agregar um lado lúdico a este passeio aproveitando-se os efeitos acústicos do lugar.

Lapa D'água

A entrada da gruta se localiza a 200 metros da portaria principal da fazenda por trilha altamente inclinada. Caso a Lapa seja aberta à visitação, a trilha necessitará de adaptações como corrimãos, degraus e plataformas. A Lapa D'água possui um pórtico de quinze metros de largura e quatro metros de altura e seu desenvolvimento é de mil, cento e cinquenta metros. É a mais indicada para a adaptação turística por ser ampla, possuir um piso



Entrada da Lapa D'Água vista por dentro

pouco acidentado e boa ventilação. A Lapa D'água é bastante ornamentada, além de espeleotemas corriqueiros, com as estalactites e estalagmites, podemos encontrar cascatas e bolos de calcita, cortinas translúcidas, travertinos de vários tamanhos e vulcões, sendo este último de rara ocorrência em cavernas brasileiras. Por questões de segurança, a visita deverá ser aberta somente para o primeiro nível da caverna - 475mts, pois o segundo nível é de difícil acesso e possui trecho de rio subterrâneo - encontro do Córrego São Marcos com o Córrego Lapa Grande - que podem ser inundados durante o período chuvoso. Em 1992, espeleólogos do Grupo Bambuí, de Belo Horizonte, tentaram fazer a conexão da ressurgência do Córrego com o interior da gruta por espeleomergulhadores, mas o objetivo não foi alcançado.

Devido à topografia pouco acidentada, a necessidade de instalação de estrutura turística dentro da gruta é mínima, o deslocamento de grupos ocorre sem grandes dificuldades, sendo conveniente a segurança com cordas instaladas em corrimão no trecho final do primeiro nível e proteção sinalizada na borda do primeiro abismo (15mts). No trecho inicial, correspondente aos primeiros 200 metros, existem dois pequenos desníveis, de 2m e 3,5 m, os dois lances podem ser absorvidos por pequenas escadas de madeira tratada contra umidades encaixadas no relevo, sem a necessidade do uso de concreto, causando, assim, menor impacto no ambiente cavernícola. A estrutura interna implantada na gruta deve se resumir apenas às escadas e corrimões de segurança, além de faixas de sinalização ao longo de alguns desníveis. Não se recomenda a instalação de iluminação artificial elétrica ao longo das galerias, além do alto custo de implantação, pode provocar um grande impacto ao ambiente, alterando parâmetros de temperatura, umidade relativa do ar e outros fatores que podem comprometer a vida e as forma-

ções da caverna. O deslocamento de grupos somente deverá ser feito com o acompanhamento de guias treinados e equipados, sendo que cada turista deverá portar capacete com lanterna elétrica. O número de pessoas que comporão cada grupo e o tempo de permanência deverão ser determinados por estudo de impacto e capacidade de suporte.

As sugestões acima enumeradas visam à preservação do ambiente cavernícola a fim de se evitar erros comuns em diversas grutas abertas ao turismo, conforme lembra Lino (1989):

Em termos mundiais, a arte de “manejar” cavernas para o turismo, com raras e honrosas exceções, tem sido a arte de desfigurar cavernas, negando uma a uma suas principais características.

Entre as agressões citadas por Lino está a instalação de estruturas como pontes e escadas de metal, pavimentação, represamentos de cursos d'água abertura de acessos artificiais e outras atrocidades.

Boqueirão da Nascente

A caverna em si não se configura como de grande atratividade, principalmente em comparação às demais grutas existentes na região. Sendo totalmente trespassada pelo córrego Lapa Grande o acesso e a locomoção no seu interior são difíceis, porém, encontra-se bastante próxima à sede da Fazenda - cerca de 900m e a trilha que leva ao Boqueirão é muito bonita, mantendo-se verde mesmo no período de seca. Possui árvores de porte mais elevado que a média da região e acompanha o curso do Córrego Lapa Grande, constituindo-se, assim, um agradável passeio de nível leve. Aqui, o grande atrativo é a trilha em si.

Outras grutas não serão descritas aqui por não se apresentarem como atrativos turísticos. São cavernas de grande valor científico e que devem permanecer com suas visitas restritas para fins de pesquisa.



Cortinas de calcita - Boqueirão da Nascente

Além do potencial descrito acima, a infra-estrutura já existente na sede da fazenda pode ser aproveitada como equipamento turístico, necessitando de poucas adaptações. É dotada de espaços que podem ser transformados em restaurante e áreas de lazer cobertas e ao ar livre. Também possui instalações próprias para pernoite. São quatro chalés e uma casa que podem abrigar, com conforto, pelo menos, 20 leitos. O Córrego Lapa Grande possui águas cristalinas e passa muito próximo às instalações, tornando o ambiente muito agradável.

Embora a Fazenda Lapa Grande e suas grutas estejam fechadas à visita desde a década de 60, fato que muito contribuiu para sua preservação, o turismo já é admitido pelos proprietários, que manifestaram a vontade de instalar ali um Hotel Fazenda, em fax-símile enviado à imprensa, em 19 de Maio de 2003:

(...) é nosso pensamento construir, em breve, um hotel-fazenda no local para que possamos permitir que todos possam admirar, utilizar e ajudar a preservar todo acervo ecológico existente. Isto incentivará o turismo da região e trará, consequentemente, empregos diretos e indiretos.

Considerações Finais

O Complexo Espeleológico da Lapa Grande apresenta-se como um local bastante favorável à implantação do Turismo. Para tanto, algumas modificações serão necessárias. Além das adaptações já citadas aqui, os acessos, por exemplo, deverão ser pavimentados ou, pelo menos, mantidos em bom e permanente estado de conservação.

A criação de uma Unidade de Conservação que contemple, ao menos, o carste onde estão as principais cavernas é indispensável.

A título de sugestão, um bom roteiro de visita dentro do Complexo contemplaria os seguintes pontos: Lapa D'água – onde o visitante poderá satisfazer seu interesse pelo

misterioso mundo subterrâneo e observar os variados espeleotemas e as curiosidades geológicas; Boqueirão da Nascente – ensejo para se conhecer a flora local por meio de uma caminhada agradável e relaxante; Lapa Grande – atrativo basicamente cultural, oportunidade para se ouvir histórias e lendas com personagens ilustres; e Lapa Pintada – onde a ciência e o lúdico se misturam através da contemplação dos registros históricos das crenças e costumes dos nossos antepassados. Os quatro atrativos principais a serem visitados neste roteiro, embora sejam todas cavernas, em nenhum momento são repetitivos. O que torna o Complexo tão fascinante é isto: seus atrativos se complementam, agregam valores. Assim, o Complexo da Lapa Grande é muito mais que um passeio em caverna e, sim, um roteiro ecoturístico completo.

A visita ao Complexo Espeleológico da Lapa Grande constitui-se o chamado *turismo de um dia*. Assim, atende a demandas específicas como: população local e regional, viajantes pernoidados na cidade e turistas de negócios hospedados em Montes Claros. Como a infra-estrutura da sede da fazenda permite a adaptação ao receptivo/hospedeiro – uma pousada, por exemplo - e considerando que outras atividades ligadas à natureza como ciclismo, cavalgada, rapel e recreação podem ser agregadas aos atrativos principais, deve-se levar em conta a hipótese deste *turismo de um dia* expandir-se para um *turismo de fim-de-semana*.

A mão-de-obra a ser utilizada na manutenção da unidade de conservação, nos serviços de guia, recepção, transporte e hospedagem e quaisquer outros serviços ligados ao turismo no Complexo deve ser da população local, priorizando os moradores instalados nos limites da Fazenda Lapa Grande e, posteriormente, os circunvizinhos, para, só então, contemplar o centro urbano. Caso seja necessário, deverão ser criados programas de treina-

mento e capacitação para que os profissionais locais se especializem na atividade turístico-receptiva.

Uma última consideração: para se implantar a atividade turística no Complexo Espeleológico da Lapa Grande torna-se indispensável o Planejamento. Análises mais específicas serão necessárias como em qualquer outro Planejamento Turístico. Na hipótese da Lapa D'Água ser aberta à visitação, o próprio Plano de Manejo da caverna exigirá estudos como espeleometria, identificação da flora e fauna cavernícola, definição de perfis climáticos, estudos de impacto, necessidade de lavagem da gruta e/ou outras intervenções

de mínimo impacto, zoneamento e capacidade de carga, considerando o seu interior e entorno.

Enfim, há muito ainda por se fazer, mas o aproveitamento turístico no Complexo Espeleológico da Lapa Grande, independente de seu agente promotor, é um precioso passo para o desenvolvimento do turismo no município de Montes Claros, desde que devidamente planejado, de maneira responsável e consciente. É, ainda, incontestavelmente relevante, uma vez que a demanda para o ecoturismo é crescente no Brasil e no mundo e o setor turístico vem se consolidando como a mais importante atividade econômica do séc. XXI.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Decreto nº 1.922, de 05 de Junho de 1996*. Dispõe sobre o reconhecimento das Reservas Particulares do Patrimônio Natural, e dá outras providências.

BRASIL. Departamento Geral de Estatística. *As Grutas em Minas Gerais*. Brasília: IBGE, 1937. p. 150-158.

BRASIL, Henrique de Oliva. *História e Desenvolvimento de Montes Claros*. 1ª ed. Belo Horizonte: Ed. Lemi, 1983. p. 40-44.

CHAGAS, Ivo das; MALTA, Maria A. Costa; CARNEIRO, Marina de FBrandão. *A Lapa Grande e seus Entornos*. In: UNIMONTES. *Caderno Geográfico*, 2. Montes Claros: Unimontes, 1993. v. II, p. 102-107.

HOJE EM DIA. *Montes Claros: Cidade em Movimento*. Belo Horizonte: Ediminas, out. 2002. Edição especial.

INSTITUTO ESTADUAL DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1985. Relatório.

INSTITUTO GRANDE SERTÃO. *Curso Básico de Espeleologia*. Montes Claros: Instituto Grande Sertão, 2003. Apostila.

LINO, Clayton F. *Cavernas: o fascinante Brasil subterrâneo*. São Paulo: Editora Rios, 1989. p. 250-258.

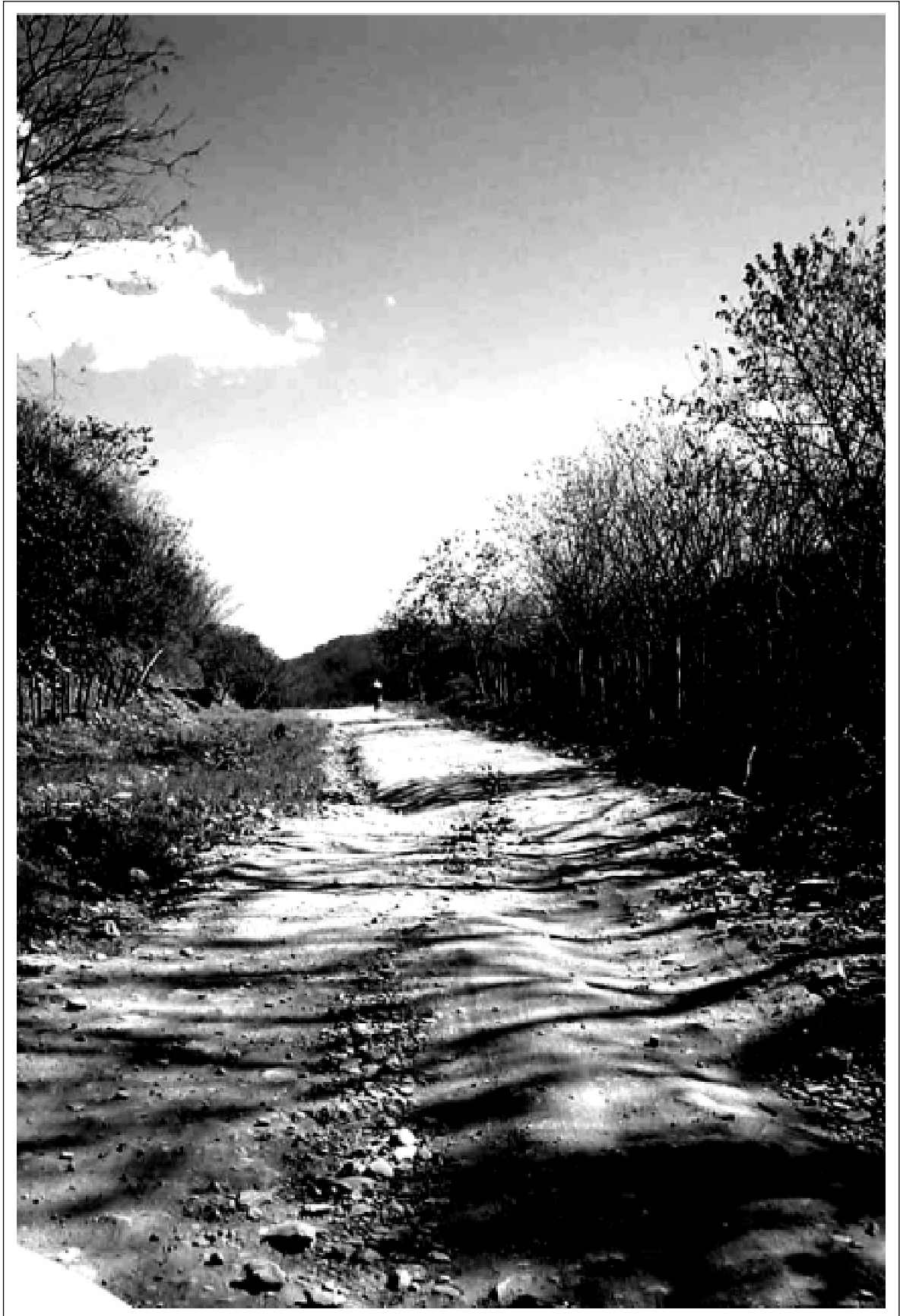
PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros – sua história, sua gente, seus costumes*. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1957. 1 v. p. 63-64.

REVISTA DA ESCOLA DE MINAS. *Gruta da Lapa Grande*. Ouro Preto: Escola de Minas, v. XXV, n. 1, mar. 1966. MATOS, Francisco Albuquerque.

SILVEIRA, Yvonne; COLARES, Zezé. *Montes Claros de Ontem e de Hoje*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995. 1 v.

TUPINAMBÁ, Tobias Leal. *Monografia Histórico-corográfica de Montes Claros*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1988. p. 56-65.

VEREDAS Consultoria em Turismo, Hotelaria e Projetos. *Guia Turístico de Montes Claros*. Montes Claros, 2002



Aspecto da estrada de acesso à Fazenda da Lapa Grande